

Economia Brasil

O Presidente Sarney, os alarmistas e os catastrofistas

O GLOBO

O Presidente da República, em pronunciamento à Nação, criticou os alarmistas e os profetas de catástrofe que viriam inquietando a sociedade brasileira, com suas previsões sobre as perspectivas da inflação em 1986. E voltou a enumerar as razões pelas quais, segundo o Planalto, o povo brasileiro deveria estar feliz e que corresponderiam aos êxitos da política econômica de 1985, representados pela criação de 1,5 milhão de empregos, crescimento da econômica etc.

Quanto à existência de alarmistas e catastrofistas no País, o Presidente da República tem toda a razão. Só que eles devem ser procurados nos próprios círculos governamentais, nos gabinetes ministeriais de Brasília ou nas repartições de governos estaduais do Sul-Sudeste. Se o Presidente Sarney quer mesmo que a inflação entre em queda, sua primeira iniciativa será identificar esses alarmistas e catastrofistas e exigir que eles modifiquem seu comportamento. Eis algumas pistas para ajudá-lo nessa tarefa:

Alarmistas I — Os principais agentes responsáveis pela inquietação da sociedade brasileira, neste momento, são os ministros e seus assessores. Desde novembro, quando a inflação começou a “disparar”, perigosamente, esses homens, da confiança do Presidente Sarney, adotaram um comportamento muito estranho. Esperava-se que eles, como responsáveis pela luta contra a inflação, tomassem providências para combater a carestia e mesmo conter altas especulativas. Nada disso ocorreu. Os ministros e seus assessores, olímpicamente, continuaram a repetir que “a inflação não preocupa”. Como é que o Presidente Sarney poderia supor que, diante dessa atitude, de total omissão de seus ministros e assessores, a sociedade brasileira não entrassem em pânico, não entrasse em clima de alarme? Veja-se a situação de empresários, trabalhadores, chefes e mães de família: a inflação é um flagelo para todos, no momento, e, no entanto, quem deveria combatê-la, diz que “está tudo bem”. Qual é a reação normal que as vítimas da inflação poderiam apresentar, se não a de pânico?

Alarmistas II — Os ministros e os assessores do Presidente da República estão provocando alarme na sociedade, ainda, quando escrevem sofismas, ou, menos elegantemente, irrealidades para o Presidente da República ler em suas mensagens à Nação. Tais assessores têm martelado na tecla de que a inflação de 1985 foi apenas pouco superior à de 1984 e que isso é perfeitamente suportável para o povo brasileiro, já que, em compensação, houve trabalho e crescimento econômico no País, no ano passado. Essas afirmações alarmam a opinião pública. Alarmam porque a inflação na faixa dos 235% — como já foi

apontado, em outros termos, pelo jornalista Jânio de Freitas — é uma “inflação de ontem”, é a “média inflacionária” anual de 1985. Mas, neste momento, com as taxas inflacionárias de 13%, 14%, 15% ao mês, a taxa anual de inflação, se projetada para 12 meses, é de 400%, 500% 600% ao ano. E essa é a inflação “de hoje”. É ela que desespera a sociedade — que não pode deixar de ficar alarmada quando percebe que essa realidade é negada em Brasília. Essa negação alarma porque ela só permite duas explicações: ou os responsáveis pelo combate à inflação pertencem a outro planeta, e pensam mesmo que ela está baixa, ou a Nova República está repetindo as práticas do regime fechado e tratando a opinião pública como se ela fosse manipulável, acreditando que pode moldá-la com o uso de propaganda. Em qualquer das hipóteses, as conclusões são alarmantes.

Catastrofistas — A alta dos preços dos alimentos tem sido a principal responsável pela disparada inflacionária dos últimos meses. O Planalto se queixa de que o noticiário desencontrado é catastrofista das últimas semanas, sobre a quebra de safras, tem ampliado a margem de manobra dos especuladores. Em parte, é verdade, mas quem são os catastrofistas que dão origem ao noticiário desencontrado? São governadores de Estado, são prefeitos, são secretários da Agricultura que alardeiam quebras de forma indiscriminada, para conseguir vantagens indiscriminadas para seus Estados, municípios e grupos de pressão que representam. Tudo isso é previsível, tudo isso seria superável, controlável, se ministros e assessores se preocupassem em combater a inflação e não em dizer que “a inflação não preocupa”. Os dados sobre as quebras de safras, que o Planalto, agora, acusa de serem desencontrados, poderiam ser ultracorretos, ultraprecisos, se o Governo Central tivesse tomado a iniciativa de pesquisá-los — e se o Governo Central tivesse a coragem de apontar a manipulação da verdade, executada por governadores e secretários, mesmo que da Aliança Democrática. Moral da história: o catastrofismo que está impulsionando a inflação vem daí, da falta de coragem por parte do Governo da Nova República de atuar com decisão nos momentos que requerem decisão. Da tentativa de ser bonzinho, curvando-se a todo instante ante grupos de interesse, adiando ou voltando atrás em decisões que vão desde o remanejamento no funcionalismo ao tabelamento ou importação de carne, para ficar em dois exemplos.

É claro que a nação está ficando alarmada.

Recado final aos políticos: Vão debatendo a Constituinte, vão. E continuem ignorando o problema da inflação. Continuem.